

LANÇAMENTO

Hortifruti **Brasil**

Uma publicação do CEPEA - USP/ESALQ
Ano 1 • Nº 01 • Maio de 2002

El Niño

Chuvas, seca e calor afetam o desenvolvimento da safra

FOTO: ARQUIVO FUNDECITRUS - HENRIQUE SANTOS

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
VENDA PROIBIDA

ESALQ divulga ANÁLISES e COTAÇÕES dos principais hortifrutícolas



A Rogers é a marca da Syngenta para sementes de Hortaliças.
Tomate faz parte de nossos negócios.
Confie na Syngenta na hora de escolher
a variedade de sua lavoura e agregue valor
ao seu produto.



syngenta

www.syngentaseeds.com.br
011 5643 6779



Em 2001, desafios. Em 2002, realizações!!!

Em novembro/00, estruturou-se, no Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea) uma equipe de Professores, Pesquisadores, Alunos de Graduação e de Pós-Graduação para o desenvolvimento de um sistema de informação econômica na área de Hortifrutícolas em geral, ampliando os estudos nessa área, anteriormente restritos à citricultura paulista. O desafio era construir indicadores econômicos que se tornassem referência para os negócios dos agentes envolvidos nas cadeias de comercialização desse setor – desde as indústrias de insumos, passando pelo produtor, agentes de comercialização, até o setor varejista.

Na última década, o Cepea alcançou enorme êxito nesse tipo de desafio sobre diversas commodities, como o boi gordo, açúcar, álcool, café, soja, milho e algodão, entre outras. Atualmente, os indicadores desses produtos são usados para negociações no mercado físico e financeiro.

Para atingir tal meta, em 2001, o Cepea se aproximou dos produtores, corretores, beneficiadores, atacadistas, exportadores e industriais para convidá-los a integrar a nossa equipe como colaboradores de informações sobre frutas e hortaliças. Para não dispersar as frentes de estudo e dar eficiência ao projeto, focamos os seguintes produtos: banana, batata, cebola, citros, mamão, manga, melão, uva e tomate. Os resul-

tados, graças a nossa rede de colaboradores, patrocinadores e ao empenho da equipe interna do Centro, foram excepcionais.

No final de 2001, estávamos coletando preços, informações de mercado, problemas e soluções dos nove produtos em mais de 11 estados no Brasil e em todas as regiões de maior expressão na produção e comercialização. A nossa rede de colaboradores é formada por 595 agentes em todas essas regiões. Além disso, ultrapassamos fronteiras, coletando os preços e acompanhando o mercado também das frutas que são enviadas para o mercado internacional. Com a Hortifruti Brasil, queremos, em 2002, compartilhar essas informações com todos os envolvidos na agroindústria hortifrutícola, assim como somar suas experiências.

O desafio era construir indicadores econômicos que se tornassem referência para os negócios dos agentes envolvidos na cadeia de comercialização desse setor

ÍNDICE



Editorial	3	Capa	10	Uva	15
Nossa citricultura está mais forte		El Niño – Como o fenômeno atuará na produção dos hortifrutícolas		Uva sem semente ganha mercado	
Cartas	4	Banana	12	Melão	16
Produto em Destaque	5	Banana enfrenta poncã mais cedo		Preços podem cair em maio	
Batata	6	Laranja	13	Mamão	17
Safra da seca entra mais cedo		Contratos seguem valorizados		Seja bem-vindo o “pescoço”	
Cebola	8	Manga	14	Fórum de Idéias	18
Cebola argentina invade Brasil		Japão abre as portas		Como melhorar a produção e comercialização?	
Tomate	9				
Mosca Branca afeta safra					

A seção *Cartas* está aberta para receber dúvidas, sugestões e críticas a respeito da Hortifruti Brasil e dos assuntos relacionados ao setor. Na edição de lançamento, surgiram diversas dúvidas dos nossos colaboradores quanto à divulgação e distribuição da Revista.

O que é a Hortifruti Brasil?

A Hortifruti Brasil é uma publicação mensal do Cepea para divulgação dos resultados de pesquisa e análises do mercado hortifrutícola. A maioria das informações contidas na publicação é levantada diretamente com os agentes do mercado.

Como eu posso receber a Hortifruti Brasil? É preciso assiná-la?

Não, a produção e distribuição da revista são custeadas pelos nossos patrocinadores. Para recebê-la, entre em contato com o Cepea pelo endereço: C.P. 132 – CEP 13400-970, Piracicaba/SP ou pelo e-mail: hfbrazil@esalq.usp.br

Posso recebê-la via internet?

Sim, ela está aberta a todos e pode ser acessada no site: <http://cepea.esalq.usp.br>, Enviando seu nome, endereço, telefone, e-mail e atividade para hfbrazil@esalq.usp.br, ela será enviada mensalmente via internet (arquivo de 1mb, em Acrobat Reader).

Quem escreve e se responsabiliza pelas informações?

Todas as informações contidas na revista, com exceção ao *Fórum de Idéias*, são escritas pela equipe técnica e editores da revista (veja expediente). Todas as estatísticas apresentam a devida fonte. As projeções, muitas vezes, podem não se concretizar.

Posso enviar artigos para publicação na Hortifruti Brasil?

A Hortifruti Brasil possui uma linha editorial focada na análise econômica do mercado hortifrutícola. Caso o artigo ou o resultado de pesquisa esteja relacionado a este tema, poderá ser divulgado entre as análises dos produtos que trabalhamos, numa matéria de capa ou no *Fórum de Idéias*.

Para enviar críticas, sugestões ou dúvidas entre em contato pelo e-mail (hfbrazil@esalq.usp.br), telefone 19 – 3429-8809, ou envie uma carta para HORTIFRUTI BRASIL – CEPEA/ESALQ/USP, caixa postal 132, Cep: 13400-970, Piracicaba (SP), aos cuidados de Ana Júlia Vidal.

Calendário de Eventos

O Cepea estará divulgando a Hortifruti Brasil em duas feiras importantes do Setor Hortifrutícola. Participe! Visite nosso stande, venha conhecer nosso trabalho pessoalmente.

II FRUTFEIRA – Feira Internacional de Frutas, Derivados e Afins, a ser realizada de 13 a 16 de maio de 2002, no CENTRO DE CONVENÇÕES IMIGRANTES - SÃO PAULO-SP. O Cepea estará com um stande no Pavilhão de Ciência e Tecnologia. A iniciativa é do Instituto Brasileiro de Frutas (IBRAF) Para informações, entre em contato com instituto: Fone/Fax: (11) 223-8766.

XIX HORTITEC - Exposição Técnica de Horticultura, a ser realizada de 20 a 22 de junho de 2002, no PAVILHÃO DE EXPOSIÇÃO DE HOLAMBRA - HOLAMBRA (SP). Durante o evento, ocorrerá o III - Seminário Internacional de Cultivo Protegido. Para informações, entre em contato pelo Fone/Fax: (19) 3802-4196 ou (19) 3802-2234.

Agradecemos os organizadores dos eventos pelo espaço cedido à Hortifruti Brasil.

EXPEDIENTE

CEPEA
Centro de Estudos Avançados
em Economia Aplicada
USP/ESALQ

Editor Científico:
Geraldo Sant' Ana de Camargo Barros

Editora Executiva:
Margarete Boteon

Editora Econômica:
Mirian Rumenos Piedade Bacchi

Diretor Financeiro:
Sergio De Zen

Jornalista Responsável:
Ana Paula da Silva - MTB: 27368

Assistente de Edição:
Ana Júlia Vidal

Equipe Técnica:
Aline Vitti, Ana Júlia Vidal, Carolina Dalla Costa, Eveline Zerão, Ilonka M. Eijsink, João Paulo B. Deleto, Fernanda R. G. Pinto, Gustavo L. S. Vieira, Graziela Braga, Maria Luiza Nachreiner, Mateus Holtz C. Barros, Marina L. Natthiesen, Margarete Boteon, Mauro Osaki, Renata Ferreira Cintra e Renata R. P. dos Santos.

Apoio:
FEALQ - Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz

Projeto Gráfico:
JR&M Propaganda e Marketing
Fone: 19 3422-0634 - jr&m@merconet.com.br

Impressão:
MPC Artes Gráficas
Fone: 19 451-5600 - mpc@mpcgrafica.com.br

Tiragem:
8.000 exemplares

Contato:
CPostal 132 - 13400-970 - Piracicaba SP
Tel: 19 3429-8809 - Fax: 19 3429-8829
hfbrazil@esalq.usp.br
<http://cepea.esalq.usp.br>

A revista HORTIFRUTI BRASIL pertence ao CEPEA - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - USP/ESALQ. A reprodução de matérias publicadas pela revista é permitida desde que citada a fonte e a devida data de publicação.



Belgo Bekaert Arames S.A.

Invista em pesquisa e exponha seu produto numa vitrine nacional, Seja um colaborador da Hortifruti Brasil !

Para anunciar, ligue 19- 3429-8808

O valor da produção saltou de R\$ 1,4 bi em 2000 para R\$ 2,3 bilhões em 2001. Em 2002, a tendência aponta fortalecimento do setor.

Por Margarete Boteon



Nossa citricultura está mais forte

O Brasil é o maior produtor e exportador mundial de citros, possui neste setor uma indústria altamente competitiva, além das pesquisas de ponta que vêm sendo desenvolvidas no setor produtivo. Por essas e outras razões, a Hortifruti Brasil traz a citricultura como o setor *Em Destaque* do mês de maio, véspera da abertura oficial da safra 2002/03.

Após a crise de preços enfrentada no final da década de 90, o setor recuperou-se na virada do milênio, com alta nos preços da matéria-prima e do suco concentrado. Estimativas do Cepea apontam que o setor produtivo valorizou-se em torno de 64% em 2001 em comparação com 2000. O valor bruto da produção paulista somado ao do Triângulo Mineiro foi de R\$ 2,3 bilhões em 2001 contra R\$ 1,4 bilhões em 2000. Com base nos contratos praticados a partir de 2001, nota-se a tendência de bons preços para este e o próximo ano. Os contratos futuros da Bolsa de Nova York e as cotações praticadas em Roterdã (Europa) também confirmam essa tendência, principalmente em 2002.

Apesar das boas notícias, um recado econômico deve ser dado aos agentes que compõem essa cadeia: a citricultura não escapa dos tradicionais ciclos de alta e baixa dos preços em função das oscilações da oferta. Sem dúvida, a maior valorização do setor produtivo nestes últimos dois anos capitalizou o produtor e estimula um aumento na área plantada. Dependendo dessa reação, a oferta pode pressionar o mercado, desvalorizando o produto novamente.

Para manter seu potencial em crescimento, o setor deve minimizar os efeitos dos ciclos de preços, principalmente por se tratar de uma cultura perene

e de elevado custo fixo. Para isso, ganhos de eficiência no setor produtivo e mercado internacional, bem como conquista de novos mercados consumidores são essenciais.

Em relação à demanda internacional pelo suco concentrado, as atenções se voltam aos novos mercados, como o asiático, já que o crescimento das vendas para os tradicionais compradores do produto brasileiro segue lento. No mercado doméstico, a atenção deve estar centrada nos segmentos de maior valor agregado, como os sucos prontos para o consumo e as frutas cítricas (laranja, tangerina e limão) de alta qualidade.

Contudo, a reação do consumidor é muito mais lenta do que a oferta, e ações pró-eficiência na cadeia se tornam vitais. Nesse sentido, destaca-se a luta contra as barreiras tarifárias sobre o suco brasileiro, que limitam, por razões políticas, uma expansão das nossas exportações e uma maior rentabilidade para o setor produtivo.

Sem essas ações em conjunto, o setor acaba absorvendo todos os impactos negativos de uma desvalorização de seu produto e, conseqüentemente, limita sua eficiência.

Para que a laranja não volte ao valor de 30 centavos de dólares por caixa e de 600 dólares por tonelada de suco nos principais mercados compradores, a luta do setor precisa continuar. Quebrar barreiras, reduzir custos e conquistar novos consumidores são metas cada vez mais essenciais.

Margarete Boteon, 29 anos, é pesquisadora do CEPEA, responsável pelo setor Hortifrutícola e pela revista Hortifruti Brasil. Há seis anos acompanha e pesquisa o mercado citrícola. (maboteon@esalq.usp.br)

Apesar da valorização do produto em 01/02, o setor não deve esquecer da luta pela redução dos custos, pelo rompimento das barreiras políticas internacionais e conquista de novos consumidores.

Por Mauro Osaki e
Eveline Zerio

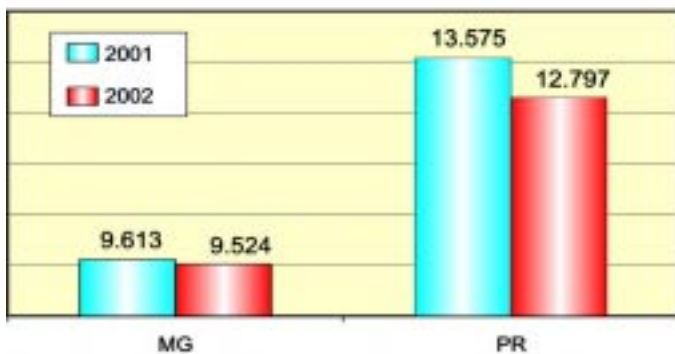
A safra da seca poderá ser beneficiada, já que a oferta deve ser mais regular, sem picos de produção

Safra da seca começa mais cedo

Boas notícias para a safra da seca

As fortes chuvas e altas temperaturas registradas em fevereiro reduziram a produção da safra das águas nas principais regiões produtoras de Minas Gerais, Araxá, Ibiá e sul de Minas. O clima prejudicou o desenvolvimento da planta, principalmente na fase da tuberação, implicando na redução do tamanho do tubérculo e,

Safra da seca registra redução de área (ha) no Paraná



O Paraná é o principal fornecedor no mercado na safra da seca.

Fonte: Emater (MG) e Seab (PR)

consequentemente, na produtividade. As intensas chuvas também escureceram a pele da batata na época das águas, o que, além de depreciar a qualidade, dificultou a venda e implicou numa menor remuneração aos produtores. Além disso, houve dificuldade para manter as operações mecânicas no preparo do solo, no plantio e na amontoa em diversas regiões produtoras da safra da seca,

proporcionando diferentes picos de colheitas de maio a junho. Neste contexto, no início do mês de abril, o mercado registrou uma leve reação nos preços dada a menor oferta nos pontos de venda e a confirmação do fim da safra das águas no sul de Minas e Alta Paranaíba. A elevação de preços motivou alguns produtores a antecipar o dessecamento da batata na tentativa de realizar melhores negócios. Assim, a safra da seca (maio a julho) poderá ser beneficiada, já que a oferta tende a estar regulada, sem picos de produção, dificultando uma eventual desvalorização do produto. Mesmo assim, o setor deve estar atento ao fator qualidade, fundamental para a determinação dos preços.

Produtor busca segurança

A oscilação do preço no mercado da batata de consumo motivou alguns produtores paranaenses a fechar contratos com as indústrias para garantir valores mais estáveis. O contrato entre a indústria e o produtor é pré-fixado em reais e estabelece o volume a ser entregue à industrialização durante toda a safra. O pagamento refere-se à saca beneficiada na máquina, sem frete, sendo renovado a cada safra. Preocupados em honrar os contratos, os bataticultores do Paraná estão plantando o tubérculo no norte do estado para evitar a perda da produção com a geada, que normalmente ocorre na região de Guarapuava e Castro.

Safra das águas está 34% menos valorizada em 2002



Fonte: CEPEA



FOTO: ABBA



Dow AgroSciences

LINHA HF

Lorsban^{*}

INTREPID^{*}
INSETICIDA

Tracer^{*}

Folicur[®]
BAYER

CUPROZEB[®]
SIPCAM AGRO

Nor-Trin^{*}

AG-BEM^{*}

Stimo^{*}

PERSIST^{*}
FUNGICIDA

Confidor[®]
BAYER

Pulsor^{*}

Monceren[®]
BAYER

SYTHANE^{*} PM

Mancozeb^{*}

KELTHANE^{*}

SYTHANE^{*} CE

MIMIC^{*}

Goal^{*}

Sabre^{*}

Gliz^{*}

Karathane^{*}

Dithane^{*}

ATERBANE^{*}

Fungiscan^{*} 700PM

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

Consulte sempre um engenheiro agrônomo.

Venda sob receituário agrônomico.



* Marca Registrada Dow AgroSciences

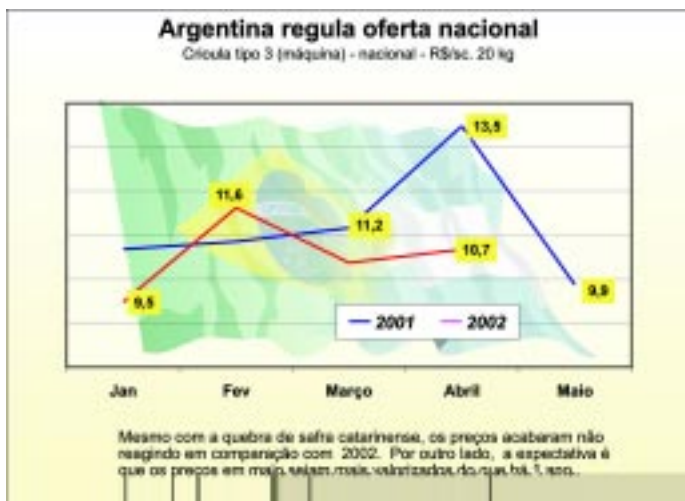
Por João Paulo Deleo e
Mauro Osaki

Mesmo o país vizinho tendo taxado as exportações em 10%, o volume de entrada do produto não foi afetado no últimos meses

Cebola argentina invade Brasil

● **Desvalorização do peso e escassez de oferta estimulam importações**

Estima-se que cerca de 120 mil toneladas de cebola argentina serão comercializadas no Brasil em 2002, alta de 14% em relação 2001, segundo estimativa da Anace (Associação Nacional de Cebola).



la). A desvalorização do peso acabou tornando a Argentina mais competitiva, estimulando um aumento do volume exportado para o Brasil. As importações também foram impulsionadas pela quebra da safra catarinense deste ano, que deve reduzir a oferta interna em maio. No primeiro semestre, a entrada do produto argentino apenas regulou a oferta brasileira, evitando a

alta do produto nacional. Mesmo o país vizinho tendo taxado as vendas para o Brasil em 10% a partir de fevereiro, o volume de entrada do produto não foi afetado em março e abril. Os valores do produto importado na fronteira também não foram reajustados com a nova tarifa de importação. Segundo dados do Cepea, os preços, em reais, na fronteira estão similares aos registrados entre fevereiro e abril do ano anterior e praticamente os mesmos se convertidos em dólar. Contudo, em meados de abril, a intenção do governo argentino era autorizar uma nova elevação na taxa, que ficaria em 20% para alguns produtos exportados, podendo alterar o cenário das importações brasileiras para os próximos meses (até meados de abril, a taxa para a exportação da cebola argentina ainda estava em 10%).

● **Safra catarinense finaliza em maio**

Neste ano, a safra de cebola de Santa Catarina deve se encerrar mais cedo em função das fortes chuvas ocorridas no final de 2001. Segundo produtores do estado, as precipitações provocaram uma quebra de aproximadamente 40% na produção lo-



cal. O setor acredita que a oferta catarinense se estenda apenas até o início de maio, sem condições de comercializar durante todo o mês, como normalmente ocorre. No mesmo período, no entanto, a região de São José do Rio Pardo (SP) iniciará a colheita de 180 ha de cebola da safra verão. Segundo a Cooxupé (Cooperativa de Guaxupé), a produtividade média da região está em 26 toneladas por ha. A redução da oferta de Santa Catarina, principal produtor nacional do primeiro semestre, não impulsionou altas significativas nos preços para os primeiros meses do ano. A baixa qualidade do bulbo e a antecipação da importação da Argentina limitaram a reação dos preços esperada pelos produtores. Segundo levantamento do Cepea, neste primeiro trimestre, os valores da cebola crioula estão 10% inferiores em relação a 2001.

Preços Estáveis na Fronteira
Sintética 14 - R\$/sc. de 20 kg, na fronteira



Setor estima uma redução no volume disponível nos próximos meses, em função da incidência de viroses

Por Gustavo L. Vieira,
Ana Júlia Vidal
e Graziela Braga

Mosca Branca afeta safra

FOTO: SYNGENTA

Oferta pode ser menor em 2002

De modo geral, o setor estima uma redução no volume disponível de tomate no mercado interno nos próximos meses em relação ao ano passado, principalmente em função das doenças que incidiram na produção, depreciando a qualidade e os preços da mercadoria, num período de alta nos custos de produção relacionada à elevação do dólar. O problema afetou principalmente os pomares de Araguari, Sumaré e Mogi-Guaçu, onde muitos produtores, descapitalizados, optaram por não plantar. Assim, os preços podem estar mais elevados em 2002, embora muitos fatores ainda precisem ser analisados, como, por exemplo, as exportações para a Argentina que devem ser menores neste ano. A sa-

fra de Goiás também deve sofrer uma quebra significativa com relação ao ano passado. A redução na produção do estado já reflete diretamente nos preços praticados no mercado local, que permaneceram acima da média paulista no início do ano.

Tomate desloca-se para regiões mais quentes

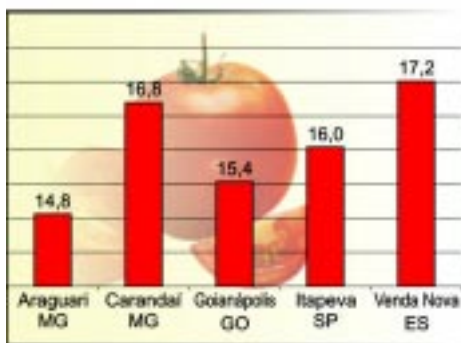
Durante os meses de abril e maio, com a aproximação do inverno, a produção de tomate é transferida para áreas mais quentes. A região de Caçador (SC), importante pólo produtor de abrangência nacional, deixa de produzir. No sul do estado de São Paulo, apesar da produção ainda se estender até o meio do ano, o volume ofertado já não é suficiente para atender a todo o estado. As regiões de Barbacena, Carandá (MG) e Venda Nova do Imigrante (ES), por situarem-se em áreas de elevada altitude, passam a ser inviáveis para produção neste período, deixando o mercado.

Onde estará a produção? Em maio, a produção de tomate passa a se dividir sobre um número maior de áreas e

de forma mais regionalizada. Em São Paulo, duas novas regiões passam a abastecer o mercado: Sumaré e Mogi-Guaçu. Em Minas Gerais, o produto passa a ser ofertado em Pará de Minas, Carmópolis de Minas e Araguari, esta última a principal região, onde, segundo fonte locais, estima-se haver aproximadamente 10 à 12 milhões de pés, sendo 80% da variedade Carmem. No Espírito Santo, a produção se desloca para uma região mais

Bons preços em abril de 2002

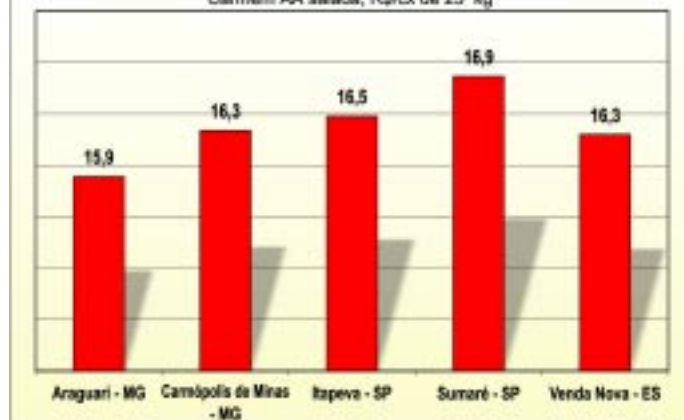
Carmem AA salada, R\$/cx. de 23 kg



Fonte: CEPEA. Atualizado até 16/04/2002.

Sumaré tem os melhores preços em maio de 2001

Carmem AA salada, R\$/cx de 23 kg



Fonte: CEPEA.

baixa, ao redor do município de Santa Maria do Jetibá. No estado de Goiás, a produção é concentrada entre os municípios de Goianópolis, Pirinópolis e Leopoldo de Bulhões, equidistantes em 60 km em média. Esta mobilidade cíclica na produção de tomate nesta região está relacionada à fuga dos produtores da infestação de viroses, transmitidas pela Mosca Branca.

El Niño

Como o fenômeno atuará na produção dos hortifrutícolas

Desde o início de 2002, comenta-se no Brasil, a possível ocorrência do chamado Efeito El Niño, um fenômeno climático ainda parcialmente esclarecido por técnicos de todo o mundo. A previsão chamou a atenção de grande parte dos produtores rurais, que conhecem como ninguém a importância do clima na atividade agrícola.

Segundo definição do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), o El Niño é caracterizado por um super aquecimento das águas do Oceano Pacífico, que eleva o calor e o vapor d'água na atmosfera sobre as águas quentes do próprio oceano. Este fenômeno altera a



Fonte: Inpe

circulação atmosférica e a precipitação em todo o mundo, ou seja, provoca mudanças nas condições meteorológicas

e climáticas de várias partes do globo.

No Brasil, o El Niño afeta principalmente as regiões do

semi-árido do Nordeste, norte e leste da Amazônia e o Sul do país, assim como regiões vizinhas. De modo geral, ele resulta no aumento das chuvas no Sul durante a primavera e outono, diminuição das precipitações no nordeste e norte da Amazônia, principalmente entre fevereiro e maio, bem como na elevação das temperaturas do Sudeste, tornando o inverno mais ameno.

Em março, o Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos (CPTEC), do Inpe, confirmou que o fenômeno El Niño já se iniciou, devendo se intensificar no segundo semestre

EL NIÑO NÃO INFLUENCIOU CHUVAS NO INÍCIO DO ANO

Em 2001, quando agricultores de todo o Brasil foram prejudicados pelas medidas de racionamento, não foram detectados efeitos do El Niño - o problema foi atribuído à falta de precipitações, principalmente no Sudeste e Nordeste (o mês de janeiro de 2001 foi o segundo mês mais seco dos últimos 40 anos) e à falta de planejamento do governo. No mesmo ano, em um cenário de seca e impossibilidade de irrigação adequada em função do racionamento, houve também uma redução na produção de alguns hortifrutícolas.

Em contrapartida, o início de 2002 trouxe abundância de chuvas, até mesmo no Nordeste, onde os reservatórios hídricos atingiram cerca de 600 mm, ante o acumulado de 4,8 mm registrado pela Codevasf (Coordenadoria de Desenvolvimento do Vale do São

Francisco) no mesmo período do ano passado.

As inesperadas precipitações surpreenderam o maior pólo produtor de frutas do país, principalmente porque algumas culturas, como a uva e o melão, são extremamente sensíveis às chuvas. Em janeiro, a seqüência de dez dias chuvosos dificultou a operação de poda das parreiras e comprometeu a safra da uva, que segundo os produtores locais, pode ser reduzida em até 20%. Já para a manga, que estava na entressafra em janeiro no Nordeste, as chuvas podem ter prejudicado a indução floral dos pomares. No Rio Grande do Norte, prejudicaram as exportações do melão, que não atingiram qualidade ideal para as vendas externas.

O elevado volume de chuva também atingiu o Sudeste - em

São Paulo, o mercado da batata ficou conturbado com o desabastecimento temporário do tubérculo. A qualidade do tomate ofertado nos principais postos de comercialização ficou comprometida, já que a chuva mancha o produto - em plena safra no sul paulista. A produção de manga em Monte Alto (SP) e de uva, em São Miguel do Arcanjo (SP), também foram afetadas - houve depreciação das frutas com o aparecimento de podridões. Os custos para evitar o aparecimento de outras doenças elevaram-se e preocuparam o setor. A maturação da lima ácida tahiti, em São Paulo, acabou acelerando com o excesso de chuva e elevadas temperaturas nas regiões produtoras, antecipando em quase um mês o fim da colheita. Além disso, a elevada umidade acabou prejudican-

do a florada de março do tahiti, prejudicando a oferta (já normalmente menor) no segundo semestre.

Não foi só no campo que a comercialização dos hortifrutícolas ficou comprometida. Estradas rurais ficaram intransitáveis e a malha viária federal, estadual e municipal sofreu com queda de barreiras, excesso de buracos no asfalto e outros defeitos que dificultam a logística de escoamento da produção.

De modo geral, as excessivas chuvas em quase todo o país durante janeiro de 2002 foram prejudiciais à produção e escoamento dos hortifrutis em importantes regiões do setor, por outro lado, as precipitações permitiram o fim do racionamento e a redução nos gastos com a irrigação.

Efeito do El Niño nos Hortifrutícolas

Produto	Efeitos na cultura
Tomate	Em São Paulo e Minas Gerais, principal pólo produtor da cultura, o El Niño pode acelerar a maturação do tomate com as elevadas temperaturas em época de colheita, a partir de abril – a qualidade e comercialização podem ser prejudicadas. Já no Sul do país, na importante região produtora de Caçador (SC), chuvas excessivas poderão comprometer a oferta (dificultando a colheita) e a qualidade do produto (manchando o fruto) no fim do ano, quando a região começa a colher.
Batata	Em São Paulo e Minas Gerais, principal pólo produtor da cultura, o El Niño poderá depreciar a qualidade da batata, já que temperaturas elevadas escurecem a pele do tubérculo. Além disso, os produtores poderão observar um maior ataque de pragas (larva do alfinete). Na safra de inverno, contudo, o efeito pode ser positivo – o risco de perdas com a geada deve diminuir. No Sul do país, o excesso de chuvas pode provocar atraso no plantio da safra da seca e das águas. As lavouras estarão sujeitas a ataques de doenças (requeima, pinta-preta, canela-preta e outros) e os tubérculos, se expostos ao sol, poderão “esverdear” no período da colheita, dada a grande probabilidade de ocorrência de erosão laminar na terra amontoada. Com as chuvas no período da safra, os produtores terão que enfrentar interrupção temporária na colheita.
Melão	Os efeitos do El Niño poderão ser sentidos em Mossoró (RN), principal região produtora de melão no Brasil. O período previsto de maior estiagem coincidirá com o pico de produção. Contudo, como a região dispõe de irrigação, o impacto só ocorreria se a queda nos reservatórios limitasse a irrigação durante o ciclo da cultura, sendo que a mesma apresenta alta sensibilidade ao stress hídrico. A falta de irrigação prejudicaria a qualidade do fruto (redução de tamanho e menor concentração de açúcar).
Cebola	As regiões de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, importantes produtoras de cebola, poderiam ser as mais prejudicadas por um aumento do volume de chuva durante o ciclo da cultura (julho a novembro), causando uma redução na qualidade e na produção do produto. Já em São Paulo e em Minas Gerais, principais produtoras da cultura, a previsão de elevação das temperaturas poderia acelerar a maturação do produto. No Nordeste, o efeito seria mínimo, já que a estiagem, caso limite a irrigação, seria mais severa no final do segundo semestre, período final da colheita.
Manga	No Nordeste, o período de colheita da manga voltada à exportação concentra-se no meio do ano, principalmente em agosto. A projeção é que neste período os reservatórios pouco afetarão a disponibilidade de água para irrigação, diminuindo os impactos do El Niño na cultura. Em São Paulo, as elevações das temperaturas também pouco afetarão o desenvolvimento das floradas, que ocorre em junho, em função da sua baixa sensibilidade a variações de temperaturas.
Mamão	O fenômeno traria pouco impacto para as principais regiões produtoras de mamão. Na região de Linhares (ES), maior produtor de mamão do país, apesar da cultura poder entrar num período de estiagem, a previsão é que o nível dos reservatórios seja suficiente para manter as irrigações. Nas demais regiões, que se localizam no sul e oeste da Bahia, a previsão é de um efeito menos severo do El Niño. Nestas regiões, o nível de reservatórios provavelmente também seria suficiente para manter as irrigações da cultura.
Banana	No Vale do Ribeira (SP), principal pólo produtor nacional, o impacto é pequeno já que coincide com o período da colheita. Temperaturas mais elevadas no período podem acelerar a maturação. O impacto nas regiões produtoras do nordeste e norte de Minas Gerais, principalmente em Janaúba, está relacionado com o nível dos reservatórios durante a estiagem. Ambas as regiões dependem da irrigação para produzir o produto. Uma limitação no uso dessa técnica pode afetar o volume de produção. No norte de Santa Catarina, a terceira maior região produtora de bananas do país, o efeito pode trazer tempestades em plena época de produção (maio-outubro) - os ventos podem derrubar as plantas. Além disso, se os bananais estiverem ensacados, pode haver acúmulo de água nos frutos, podendo resultar em apodrecimento.
Citros	Na citricultura paulista, a maior do mundo, o El Niño deve acelerar a maturação dos cítricos, antecipando a entrada da safra, que normalmente acontece no final de maio ou início de junho. O destaque seria para a tangerina poncã - elevadas temperaturas poderiam acelerar sua maturação, dificultando a manutenção da fruta na árvore. Dependendo da elevação da temperatura, o desenvolvimento das floradas na primavera (setembro) também poderia ser prejudicado, causando abortamento do fruto.
Uva	As regiões produtoras de uva localizadas ao norte do Nordeste, próximas à bacia do baixo São Francisco, seriam as mais afetadas pelo fenômeno, segundo previsões. A falta de água para irrigação seria o maior prejuízo, caso a estiagem provocada pelo El Niño seja severa. Uma redução na prática da irrigação prejudicaria a produção da uva voltada à exportação no final do ano, podendo não atingir a qualidade ideal para exportar, reduzindo a participação no mercado externo e aumentando a oferta no interno. No Paraná, a previsão de chuvas intensas no inverno poderá afetar a qualidade do fruto na colheita. Em Jales (SP), ao contrário, a previsão de um clima mais ameno seria favorável à produção.

* As análises estão sujeitas à alteração conforme a intensidade do fenômeno previsto para 2002.

do ano. O setor hortifrutícola deve estar atento às previsões de chuvas abaixo da média no Nordeste, calor excessivo no Sudeste e chuvas abundantes no Sul do país. Especialistas também prevêem um efeito “brando” neste ano, com menores prejuízos que os verificados em 1997, quando o aquecimento do pacífico chegou a 5°C. A projeção dos meteorologistas é que um efeito mais forte volte a ocorrer em 2004.

Apesar das previsões não serem similares a 1997, o fenômeno sugere cautela aos produtores, que devem acompanhar as previsões, principalmente no segundo semestre. Esse acompanhamento melhora o planejamento na produção e comercialização das frutas e legumes, afastando surpresas desagradáveis relacionadas ao clima, como ocorreu no início de 2002, com o excesso de chuvas e, no ano passado, período de severa estiagem (ver box).

O El Niño será significativo para os hortifrutícolas se a falta de chuva reduzir muito a disponibilidade de água para irrigação no Nordeste - indispensável para a fruticultura da região, principalmente no norte. Em São Paulo e Minas Gerais, o calor excessivo pode acelerar a maturação das culturas, podendo prejudicar o desenvolvimento das floradas na primavera. Já no Sul, chuvas excessivas podem afetar a qualidade de alguns cultivares, aumentando a incidência de doenças.

Por Ana Júlia Vidal,
Mateus Holtz C. Barros e
Equipe Hortifruti

Maiores informações, consulte: CPTEC/INPE (www.cptec.inpe.br), CNN (www1.cnn.com/elniño), o Cepea continuará analisando o impacto nos hortifrutícolas em 2002 na sua home page.

Por Fernanda Garutti e
Marina L. Natthiesen

A safra das tangerinas está adiantada e a poncã pode entrar com força no mercado já no início de maio

Banana enfrenta poncã mais cedo

✂ Poncã entra em maio

Neste ano, o bananicultor deve enfrentar a concorrência da poncã já no início de maio e não em meados de junho, quando a variedade cítrica normalmente começa a prejudicar as vendas de bananas. A safra das tangeri-

período de melhores preços para a banana.

✂ Oferta pode aumentar

Ainda em maio, o produtor deve estar atento à entrada da safra do norte de Santa Catarina e Minas Gerais, que poderá ter um maior volume de produção. Esta situação pode ocasionar um excesso na oferta interna, que associada à oferta das tangerinas no mesmo período, pode pressionar os preços.

✂ Santa Catarina de olho no clima

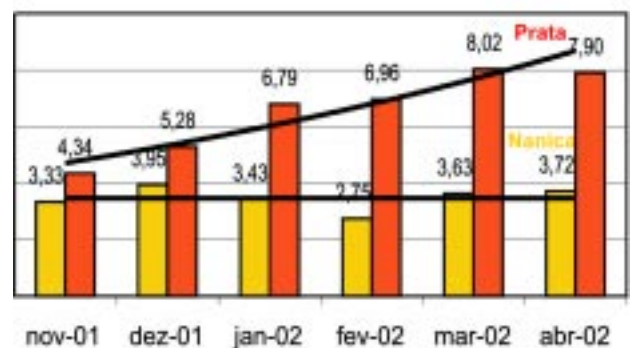
O fenômeno El Niño pode trazer chuvas e ventos fortes para o norte de Santa Catarina, representando risco de queda das bananeiras. Para reduzir eventuais prejuízos, o produtor deve es-

corar as plantas. Nas regiões de baixada, onde pode haver alagamentos, recomenda-se a retirada dos sacos plásticos dos frutos, pois o excesso de água que pode se acumular no recipiente tende a apodrecê-los. Nos banais do Sudeste, o fenômeno pode causar um aumento nas temperaturas médias durante o inverno, que se combinado com boa pluviosidade, pode antecipar a maturação dos frutos. O Brasil é o terceiro maior produtor de banana do mundo, com a produção distribuída em todo o seu território, em propriedades de tamanhos variados. Atualmente, o estado de São Paulo é o maior produtor da fruta, representado principalmente pela região do Vale do Ribeira.



nas está adiantada e a poncã pode entrar com força no mercado já no início deste mês. O gráfico acima ilustra o comportamento de preços da banana nanica e prata frente aos preços da poncã recebidos pelo produtor em 2001. Embora não haja dados exatos quanto à redução da venda de bananas com a entrada da poncã, é certo que bananas deixam de ser competitivas quando a tangerina é ofertada a valores muito baixos. A boa notícia é que o adiantamento da safra da poncã pode implicar na redução de sua oferta em julho,

Prata se valoriza em relação à nanica

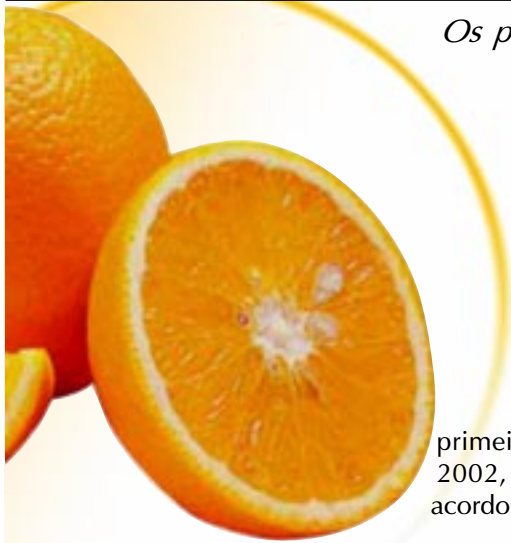


Em março, a prata no Vale do Ribeira apresenta-se valorizada a R\$ 0,24/kg frente à nanica. A tendência é que esse diferencial ainda permaneça maior em função da maior oferta da nanica frente à prata.

Fonte: CEPEA

Os poucos contratos estabelecidos em 2002 foram próximos aos registrados em maio do ano passado

Contratos seguem atrativos



primeiro trimestre de 2002, com os novos acordos internacionais.

Contratos seguem valorizados em 2002

Em comparação com a safra passada, o volume de contratos fechados com as indústrias foi menor neste início de safra. A indústria já garantiu boa parte do volume de processamento para 2002 e 2003 há um ano, período de maior movimentação deste tipo de negociação. Os valores dos poucos acordos estabelecidos em 2002 foram próximos aos registrados em maio/01, mantendo oscilação entre US\$3,30 e US\$3,80/cx 40,8kg, preços também pré-fixados para os próximos três anos. Embora a safra 2002/03 dê sinais de aumento, a indústria nacional deve absorver uma grande parte da produção, já que seus estoques estão bastante reduzidos, o que pode explicar a continuação da valorização dos contratos. Avaliando a série de contratos levantada no Cepea desde 2001, há um cenário de preços bastante favorecido para a laranja destinada à indústria em 2002 e com perspectivas ainda positivas também para a próxima safra. Quanto ao mercado internacional, a redução da oferta da matéria-prima de 2001 começou a refletir no mercado internacional no

Muita poncã já em maio

No mês de maio, as temperaturas começam a cair, alertando para a entrada do inverno. Neste ano, porém, está prevista a ocorrência do El Niño, que deve amenizar o frio da estação. O inverno menos rigoroso associado às elevadas temperaturas do início do ano podem antecipar a oferta e dificultar a permanência do fruto na árvore até agosto, concentrando o volume colhido nos meses de maio a julho. Cabe lembrar que a concentração da oferta da poncã acaba desvalorizando-a significativamente. No ano passado, seu valor médio caiu cerca de 52% de abril para maio.

Escassez do limão pode ser agravada

O "limão" tahiti pode estar ainda mais escasso do que normalmente ocorre no segundo semestre. Segundo grande parte dos produtores paulistas, a florada principal do tahiti que acontece em março, responsável pela oferta do segundo semestre, foi irregular em função das chuvas excessivas e altas temperaturas no período de florescimento dos pomares. Em 2000, a menor oferta fez com que o produto atingisse até R\$ 25,00/cx 27kg (co-

lhido) ao produtor, em outubro.

Aumenta o volume de laranja em São Paulo

Em abril, o IEA (Instituto de Economia Agrícola) projetou cerca de 371,3 milhões de caixas para a safra paulista 2002/03. Sua primeira projeção, divulgada em fevereiro, fora de 366,6 milhões.

Estoques mais baixos

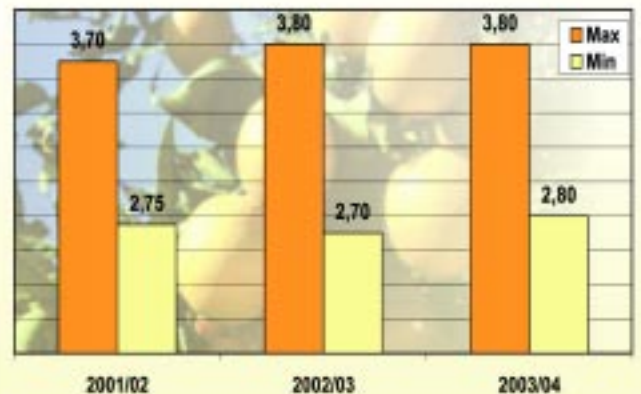
001 toneladas e 807 dia - Fábricas Paulistas



Fonte: Estimativa do IEA

Contratos na indústria

A partir de 2001, os produtores negociaram os contratos com prazos médios de 3 anos. Valor máximo e mínimo dos preços por safra, em US\$/cx. de 40,8 kg posta na indústria.



Preços Máximos e Mínimos praticados pelas indústrias para os contratos negociados a partir de fevereiro/01.

Fonte: CEPEA

Para a safra passada, o Instituto estimou 328 milhões de caixas, apesar de muitos agentes do mercado acreditarem em um volume próximo a 280 milhões. O aumento previsto para a oferta da nova safra está relacionado à atuação favorável do clima no período de florescimento e formação do fruto.

Estimativa de produção

Safra 2002/03 deve ser maior

Estado de São Paulo

371,3

milhões de caixas

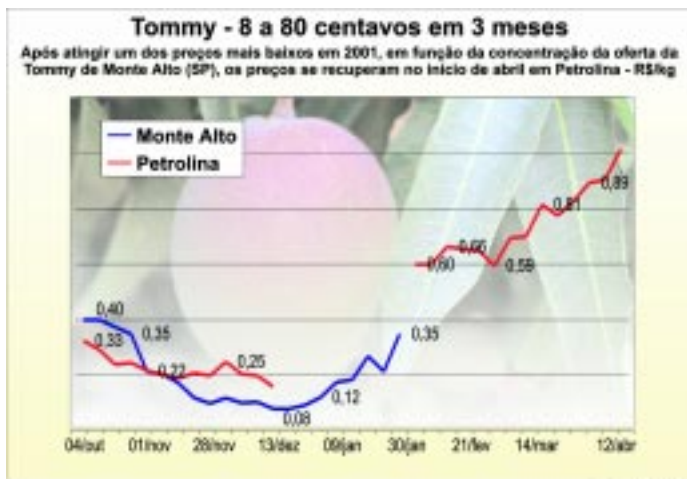
Fonte: IEA (jun/02)

A eliminação da barreira japonesa permitirá aos exportadores brasileiros expandirem suas vendas, adquirindo nova janela de mercado

Mercado japonês abre as portas

Oferta deve ser menor em maio

O volume de manga em Petrolina/Juazeiro normalmente é reduzido em maio. Neste ano, contudo, o setor estima que a quantidade de manga chega a ser 50% inferior em relação ao mesmo mês de 2001. O excesso de



chuvas no fim do ano interferiu na produção, pois a prática de indução floral não foi bem-sucedida, diminuindo o florescimento e, portanto, a oferta de fruta no período de abril/maio. A perspectiva para este final de semestre é que essa redução eleve ou permita a estabilidade dos valores praticados em abril.

Preços caem em 2002

Os preços recebidos pelos produtores de manga de Petrolina/Juazeiro apresentaram queda de 30% de fevereiro a março de 2002 se comparados ao mesmo período de 2001, principal-

mente em função do aumento gradativo da produção interna. Em Monte Alto, os preços também estiveram reduzidos no último trimestre de 2001, devido à saturação antecipada da manga no mercado interno. A fruta que deixou de ser exportada para os Estados Unidos devido ao atentado de 11 de setembro permaneceu no mercado brasileiro, aumentando a oferta no mercado doméstico. Dessa forma, os produtores de Monte Alto iniciaram a safra com grande excedente de manga, reduzindo os preços recebidos para até R\$0,08/kg. Além disso, a produção também foi superior ao ano passado dado o aumento do número de hectares em produção.

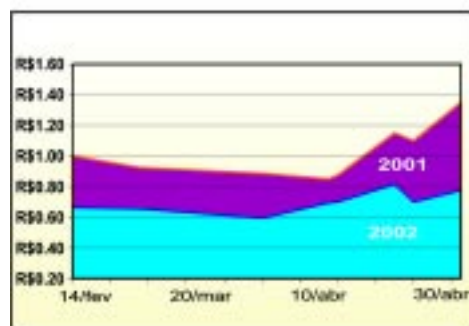
Brasil pode conquistar mercado japonês

Com o objetivo de eliminar as barreiras fitossanitárias impostas pelo Japão às frutas brasileiras, a diligência japonesa do Ministério da Agricultura, Floresta e Pesca (MAFF) vistoriou o Vale do São Francisco no final de fevereiro deixando boas perspectivas do pólo exportador da fruta. O grupo verificou que os procedimentos utilizados na região

para prevenir e eliminar qualquer tipo de praga são muito eficientes. O mercado japonês é um dos mais exigentes em relação à inspeção de produtos agrícolas, principalmente em relação à mosca das frutas. Após a visita, a produção brasileira parece ter passado no primeiro teste, a próxima barreira é a aprovação do protocolo assinado no Brasil, que será levado à consulta pública pelo governo japonês. As perspectivas de ambos os mercados são bastante animadoras devido às vantagens dessa relação. O Japão é um grande consumidor da fruta e as vendas brasileiras para esse país acontecem na entressafra do México, principal exportador de manga para o mercado japonês. A eliminação da barreira permitirá aos brasileiros expandirem suas vendas, adquirindo nova janela de mercado, talvez já a partir de junho de 2002.

Porém, 30% menores em 2002

Apesar de melhores nos preços, a Tommy desvalorizou-se 30% na média para Petrolina em comparação com 2001



A uva sem semente vale quatro vezes mais que o produto com semente. Investimentos na produtividade são essenciais no curto prazo

Uva sem semente ganha mercado

FOTO: IBRAAF

Uva com semente cai no mercado externo

Os produtores de uva Itália com semente receberam cerca de 33% a menos pelas exportações do produto com destino ao mercado europeu no semestre passado. O valor recebido pelos produtores no último mês de março pelas exportações do final do ano foi de US\$ 3,6, ante a média de US\$ 5,4/cx 4,5kg, registrada em 2001. Essa desvalorização do produto está relacionada ao prolongamento da oferta italiana até o final de 2001 – tradicional período de entrada do produto brasileiro. Excepcionalmente neste período, a Itália teve todas as condições climáticas favoráveis durante a produção, permitindo sua permanência até meados de janeiro. O prolongamento da oferta italiana foi desfavorável ao Brasil, já que o consumidor europeu prefere o produto italiano ao brasileiro. A retração dos preços na última safra acabou desestimulando os produtores brasileiros a comercializarem o produto no mercado externo, principalmente porque os preços internos foram similares ao valor recebido pela fruta exportada. A valorização do produto no mercado doméstico resultou da menor e melhor distribuída oferta do Paraná. O excesso de chuvas no início do ano prejudicou a produção do Nordeste, principal pólo expor-

tador. Além disso, a África do Sul, nosso maior concorrente, também apresentou problemas com a oferta e a qualidade da uva, favorecendo uma maior competitividade do produto brasileiro nos meses de abril e junho. Outro fator que contribuiu para a redução do volume disponível internamente é a redução do potencial produtivo neste primeiro semestre, já que alguns produtores estão substituindo os parreirais da Itália com semente pela sem semente.

Cultivar sem semente: a boa alternativa

A alternativa interessante para se enfrentar a desvalorização do produto brasileiro no mercado externo é o investimento na uva sem semente, que vale quatro vezes mais do que o produto com semente. A produção desse tipo de uva é crescente no Nordeste, contudo, só é viável economicamente por obter valores mais elevados, já que mesmo com avanços tecnológicos, a produtivi-

dade ainda é pequena. Investimentos em produtividade são essenciais, tendo em vista que um possível aumento da oferta pode



Fonte: CEPEA

pressionar os preços externos. A qualidade da uva sem semente comercializada no Brasil também merece atenção. Como quase toda produção é exportada, o que fica para ser negociado internamente é de péssima qualidade, comprometendo sua aceitação pelo consumidor brasileiro.

Evolução da área plantada de uva sem semente (festival) em Petrolina.

Varietades	Em Formação	Produção Crescente	Produção Plena	Produção Decrescente	Total
BENITAKA	26,65	206,10	22,35	7,70	262,80
ITALIA	158,25	544,30	929,50	38,40	1.670,45
FESTIVAL	30,60	255,60	20,70	0,00	306,90
RED GLOBE	8,10	153,05	158,70	1,70	321,55

Área: ha

Fonte: CODEVASF/2001

A safra de Juazeiro está atrasada e a oferta pode aumentar em maio

Preços podem cair em maio

Maiores oferta pode desvalorizar melão

Excepcionalmente neste ano, a safra de Juazeiro (BA) está atrasada, os produtores locais devem estar colhendo e comercializando o melão ainda em maio, elevando a oferta interna e pressionando os preços no final do primeiro semestre. Mesmo que esse período seja tradicionalmente de preços mais

to da oferta.

Chuvas elevam preços no início do ano

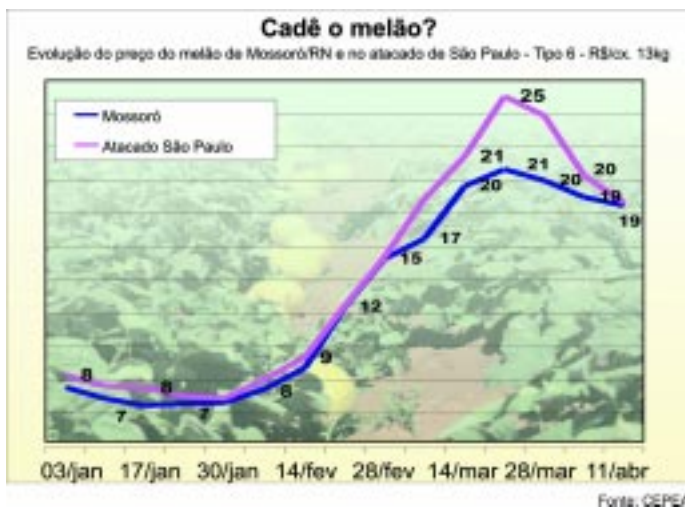
As chuvas ocorridas até a primeira quinzena do mês de janeiro na região de Juazeiro (BA) comprometeram a época de plantio da cultura do melão, atrasando o início da safra na região. Isto levou à abertura de uma "janela" no mercado com o início da entressafra potiguar. A pouca oferta da fruta de Mossoró (RN) em conjunto com o atraso na colheita em Juazeiro, reduziram em muito a quantidade de melão no mercado nacional, favorecendo picos de preços no atacado acima de R\$ 20,00/cx 13kg, conforme gráfico ao lado.

Como foram as exportações

Os agitos no mercado internacional no ano de 2001 e a excessiva oferta da fruta

nos portos europeus, cerca de 25 a 30% a mais do que no ano anterior, dificultaram as exportações brasileiras, que ocorrem entre outubro e fevereiro. Os diferentes contratos estabelecidos no início da safra determinaram cenários distintos com relação aos ganhos e prejuízos dos agentes exportadores. Aqueles

que trabalharam com importadores ligados diretamente às redes de supermercados saíram ganhando com os embarques para o mercado europeu, que se manteve mais atrativo do que o mercado interno brasileiro. Por outro lado, os inúmeros contratos estabelecidos com clientes frágeis causaram prejuízos aos exportadores, sendo que alguns receberam preço inferior àquele fixado no início da safra. Nem mesmo as quebras de produção no Panamá e Costa Rica ocorridas no início do ano 2002 foram capazes de proporcionar maiores ganhos ao exportador brasileiro, já que as chuvas registradas na região de Mossoró, nesse período, causaram perdas de até 80% no melão que estava no campo. O preço da caixa de 10 kg do melão amarelo, FOB Natal, oscilou entre U\$ 2,00 e U\$ 3,60, em média, no período de exportação.



Utiliza-se como referência para as negociações o preço de Mossoró em São Paulo, mas não necessariamente toda a fruta comercializada entrará no mercado paulista. A cotação acima só não é válida para as cidades que se encontram localizadas geograficamente ao sul de Curitiba (PR). O atacado apresenta defasagem de uma semana para a transmissão dos preços de Mossoró.

baixos em função da retração no consumo, a desvalorização neste ano deve ser ainda maior, por coincidir com o inesperado aumen-

Melão:

Volume próximo 100 mil t

O produto já é a segunda maior receita gerada com as exportações da fruta

	Receita US\$ mil	Volume (t)
2001	39.297	99.434
2000	25.005	60.904
1999	28.733	65.453

Fonte: SECEX

O intervalo de baixa produção no Espírito Santo e sul da Bahia deve impulsionar os preços em maio

Seja bem-vindo o “pescoço”



“Pescoço” deve valorizar mamão

O período de baixa produção de mamão no Espírito Santo e sul da Bahia deverá alavancar os preços nestas regiões durante o mês de maio. O chamado “pescoço” ocorre normalmente a cada trimestre, causando alta nos preços do produto, já que a oferta se torna escassa nessa época. Isto se deve a um intervalo na florada dos mamoeiros ocorridos há cerca de 60 a 90 dias, geralmente resultante de temperaturas muito elevadas que podem causar um abortamento de flores - a carpeloidia. O “pescoço” de maio deste ano poderá ser agravado em decorrência das chuvas de novembro e janeiro passados, que prejudicaram muito as roças do Espírito Santo e sul da

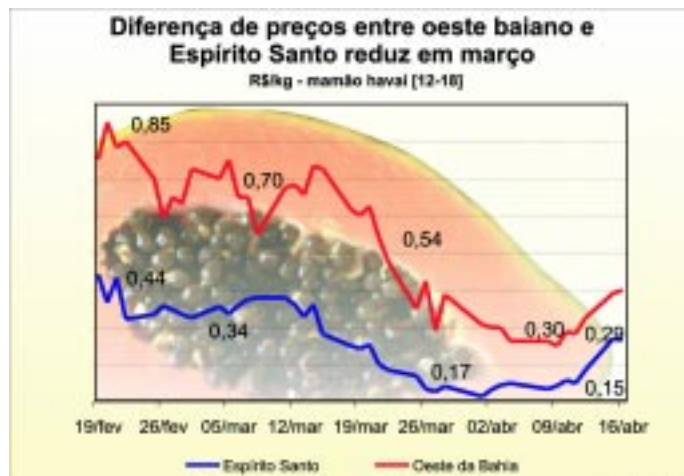
Bahia, causando perda de grande parte das roças capixabas e enfraquecendo as restantes.

Cai diferença de preços entre as regiões

Os preços do oeste da Bahia são normalmente maiores em função do envio das frutas para mercados menos concorridos e com fretes mais baratos, como Brasília e Goiânia. Além disso, a região ganha em qualidade dada a menor incidência de chuvas nas lavouras locais, que dificulta o aparecimento das doenças como “papai noel” e mancha chocolate. No entanto, entre abril e maio, o volume ofertado no oeste da Bahia aumenta, num movimento normal do ciclo da cultura. Esta elevação da oferta leva à necessidade de escoamento para outras regiões mais concorridas, resultando na queda dos preços praticados na região. Paralelamente, a redução da produção no mesmo período no Espírito Santo e sul da Bahia motiva o aumento dos preços nas mesmas, reduzindo assim a diferença entre as principais regiões produtoras.

Exportações crescem

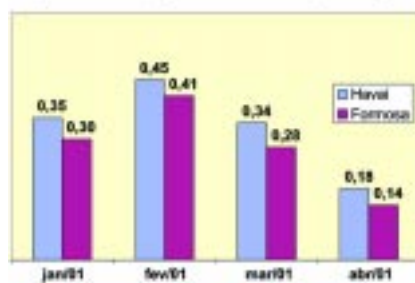
O Brasil é o segundo maior exportador mundial de mamão, perdendo apenas para o Havaí. Os principais mercados importadores são os Estados Unidos, Países Baixos, Reino Unido e Portugal, que juntos representam qua-



Fonte: CEPEA

Preço deprime no final do trimestre

Preço Mensal - R\$/kg - Média das Principais Regiões



Fonte: CEPEA

se 70% das exportações brasileiras. Os mercados dos Estados Unidos e Reino Unido foram os que apresentaram maior crescimento nos últimos três anos, praticamente dobrando o volume demandado de 99 para 2001. A principal variedade produzida para exportação é a Golden, que apresenta coloração mais acentuada, pele delicada e tamanho reduzido.

Além da qualidade, a informação deve ser ágil e chegar sem distorção a todos os agentes, não importa o veículo que a leve.

Como melhorar a produção e a comercialização?



Margarete Boteon, 29 anos, é pesquisadora do Cepea, responsável pelo setor Hortifrutícola e pela Revista Hortifruiti Brasil (maboteon@esalq.usp.br)

Na primeira edição, apresento uma solução que, na minha opinião, pode ajudar o setor como um todo. Trata-se de prover informações econômicas a todos os agentes que compõem a cadeia de comercialização hortifrutícola.

Esta é a pergunta que você, produtor, mercadista, exportador, industrial, revendedor, banqueiro ou consumidor pode responder neste espaço. Ele está aberto a todos que apresentam alguma sugestão e/ou solução para melhoria da eficiência do setor em geral, de uma fruta ou hortaliça específica, de uma determinada região.

Na primeira edição, apresento uma alternativa que, na minha opinião, pode ajudar o setor como um todo. Trata-se de prover informações econômicas a todos os agentes que compõem a cadeia de comercialização hortifrutícola. Contudo, não me refiro aos dados para uma simples análise acadêmica e sim ao seu uso como instrumento de auxílio na hora da decisão nos negócios. Para tanto, a informação deve ser de qualidade, ou acabará causando uma desinformação no setor. Os ingredientes necessários para uma informação de qualidade são as diretrizes básicas para a formação dos preços e análises de mercados disponíveis na Hortifruiti Brasil e no *site* do Cepea (cepea.esalq.usp.br). Entre eles:

- Neutralidade: a informação não pode ser manipulada para atender aos interesses de determinado comprador ou vendedor do mercado.
- Transparência do cálculo: o ideal é que as informações sejam coletadas seguindo uma metodologia científica e que esta seja transparente para os agentes que adquirem a informação.
- Visibilidade: a informação divulgada deve refletir corretamente o mercado. O preço, por exem-

plo, deve refletir os negócios efetivos.

- Linguagem: a divulgação deve ser apresentada na linguagem do público alvo. Não é possível, por exemplo, divulgar a mesma análise sobre determinado produto para um banqueiro e um produtor.

Além da qualidade, a informação deve ser ágil e chegar a todos os agentes, não importa o veículo que a leve. Apesar da *internet* ser um meio eficiente e barato, ainda não atinge todos os agentes. A informação deve chegar ao usuário final seja ela por revista, rádio, internet, telefone, revendedora local ou até mesmo pelo vizinho.

O Cepea está fazendo sua parte, disponibilizando informações a todos os agentes, seja através da Hortifruiti Brasil, seja no *site* da Instituição ou pelo contato via telefone.

Para enviar artigos para a coluna, utilize o correio eletrônico: hfbrasil@esalq.usp.br

A Hortifruti Brasil agradece a todos os patrocinadores e aguarda novos parceiros para ampliar as pesquisas

O Cepea trabalha para o avanço do agronegócio

O Cepea, Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada, ligado ao Departamento de Economia, Sociologia e Administração da Esalq/USP, pesquisa mais de vinte sistemas agroindustriais, com destaque para os trabalhos sobre os mercados hortifrutícola, pecuário, sucroalcooleiro, cafeeiro, de grãos (soja e milho) e algodoeiro. Através do contato diário com uma rede de mais 1.600 colaboradores (agentes do agronegócio), o Cepea elabora e divulga todos os dias, a partir das 18h, os indicadores de preços Esalq/BM&F e Cepea/Esalq, amplamente utilizados tanto pelo mercado futuro quanto em negociações do mercado físico.

Questões macroeconômicas do País são acompanhadas pela equipe que elabora mensalmente o PIB do Agronegócio e outras estatísticas setoriais agregadas. Empreendedorismo, fretes, economia ambiental e a área energética também recebem a atenção dos pesquisadores do Cepea, assim como os avanços nas áreas de tecnologia da informação e, em especial da internet no agronegócio. O Cepea se dedica também ao estudo de temas sociais, como saúde, nutrição, educação, trabalho infantil e

segurança, com o objetivo de investigar a evolução dos padrões de qualidade de vida no meio rural e na sociedade em geral.

Todos esses trabalhos são realizados por professores da Esalq, pesquisadores com nível de pós-graduação, profissionais de informática, comunicação e administração e ainda com a participação de estagiários de graduação e pós, tanto da Esalq quanto de outras universidades.

Além da Hortifruti Brasil, que está em sua primeira edição, a divulgação de análises e outras informações elaboradas pelo Cepea ocorre continuamente através de informativos semanais e mensais sobre quase todas as áreas pesquisadas, por meio de seu próprio site, <http://cepea.esalq.usp.br>. Elas também são divulgadas em reportagens jornalísticas de órgãos de comunicação especializados no

agronegócio.

PARCERIAS - Juntamente às pesquisas diárias sobre preços e movimento do mercado, o Cepea desenvolve, com a iniciativa privada, instituições



de pesquisa e com o governo, projetos sobre a estrutura e o direcionamento das cadeias agroindustriais. Essas parcerias representam tanto uma forma de prestação de serviços à sociedade, quanto uma integração efetiva entre pesquisadores e agentes que detectam, na prática, os atuais desafios para o crescimento do agronegócio brasileiro.

Prédio do Cepea, Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada

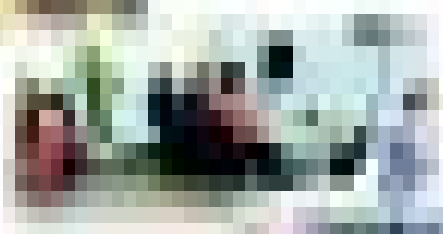
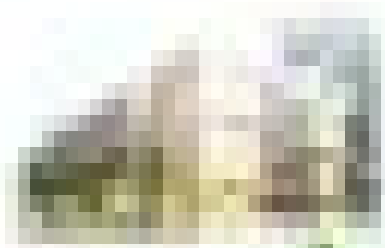
100 Essential Products

2019-2020

2019-2020

INTERNATIONAL AGRICULTURE COUNCIL

100 Essential Products
2019-2020



AGRICULTURE
COUNCIL

100 Essential Products

2019-2020